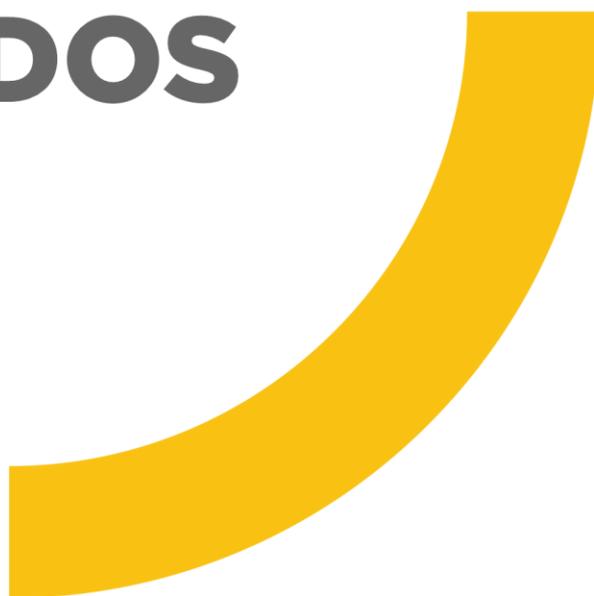


ANEXO 4

CALÇADOS



Análise sobre o desempenho do setor de calçados no Rio Grande do Sul

Luciana de Andrade Costa

Professora do Programa de Pós-Graduação em Economia da Unisinos

Marcos Tadeu Caputi Lélis

Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da Unisinos

Alessandra Roehrig

Bacharel em Ciências Econômicas pela Unisinos

INTRODUÇÃO

Desde o início dos anos 1990, o setor de calçados no Brasil passou por uma série de transformações frente aos desafios colocados pela perda gradual de competitividade. Foi neste período que se iniciou o movimento de transferência e instalação de empresas na região Nordeste do país, como alternativa de manutenção da posição competitiva que o setor possuía, conforme Costa e Flingspan (2013). Segundo os autores, tal ameaça à competitividade se deu em função da diminuição das condições de concorrência do calçado brasileiro no mercado externo, frente à concorrência dos produtos asiáticos, principalmente chineses. Além disso, internamente, os calçados chineses passaram a competir de forma mais acirrada com a indústria nacional, uma vez que as condições da economia pós-Plano Real tornaram os produtos domésticos mais suscetíveis à concorrência externa.

Particularmente, no Rio Grande do Sul, o contexto de perda de competitividade do setor calçadista não era diferente, em que pese Costa e Flingspan (2013) afirmarem que o movimento de transferências das empresas do Vale do Rio dos Sinos para o Nordeste não ocorreu em resposta à entrada dos produtos chineses no país. Segundo os autores, os incentivos fiscais às exportações, o menor custo da mão-de-obra e a transferência de concorrentes para o Nordeste foram os principais fatores que levaram ao início desta migração regional. Essencialmente, este movimento de transferência das empresas para a região Nordeste, incentivado pela guerra fiscal entre estados brasileiros, buscava reverter a perda da rentabilidade e recuperar a competitividade dos produtos de calçados. De acordo com Santana (2015), tal movimento de reposicionamento do setor calçadista implicou mudanças com relação ao tipo de calçado fabricado no Brasil.

O contexto acima descreve a situação do setor calçadista, desde o início dos anos 1990. No entanto, quase 30 anos se passaram e os desafios impostos ao setor ainda persistem. Especialmente no Rio Grande do Sul, o setor vem perdendo competitividade e espaço tanto no contexto nacional quanto mundial. A significativa redução das exportações gaúchas para os Estados Unidos nos últimos dez anos e a ascensão de países como China e Vietnã como principais exportadores de calçados implicaram um redirecionamento da produção calçadista para o mercado interno, bem como uma redefinição dos mercados-alvo no exterior. A produção do setor de calçados no Rio Grande do Sul, especializada na fabricação de calçados de couro e intensiva em mão-de-obra, vem passando por uma transformação nos últimos anos, cedendo espaço para a produção de calçados feitos com materiais sintéticos, que requer mão-de-obra menos especializada, produz menos perda de material e permite maiores ganhos de escala.

Nesse contexto de busca de retomada de competitividade, cabe mencionar também que o setor calçadista recebe benefícios fiscais do ICMS via crédito presumido, assim como o setor coureiro.¹ Particularmente, um importante aumento no benefício concedido a ambos setores se observou a partir do Decreto 50.015/2013. Entre 2006 e 2012, o crédito presumido como proporção da receita potencial (soma da arrecadação e do próprio crédito presumido) equivalia, em média, a 4%. Com o significativo aumento no benefício concedido aos setores coureiro-calçadista, no início de 2013, o crédito presumido passou a representar, em média, 14% da receita potencial (no período de 2013 até 2018). Por

¹ Para lembrar, o crédito presumido corresponde a um abatimento no imposto a pagar pela empresa, calculado em percentual do faturamento ou do montante de ICMS devido.

sua vez, o faturamento tributável, como proporção do faturamento total dos setores, manteve sua participação de cerca de 76%, em média, em ambos períodos (de 2006 até 2012 e de 2013 até 2018). Tal estabilidade pode indicar que o benefício fiscal concedido pode ter contribuído no sentido de minimizar o agravamento de perda de competitividade dos setores nos últimos anos.

Um olhar mais recente sobre os benefícios fiscais concedidos ao setor coureiro-calçadista indica que, de um conjunto de mais de 850 empresas que atuam nestes segmentos no Rio Grande do Sul, um total de 297 empresas receberam mais de R\$ 46 milhões em benefícios fiscais via crédito presumido em 2018. Apesar do expressivo quantitativo de empresas beneficiadas, cerca de 83% do benefício foi concedido a 21 empresas, as quais foram responsáveis por 43% do faturamento tributável do setor, em 2018, no estado. Ainda que tais números possam apontar para uma concentração do benefício, tal conclusão requereria uma análise mais aprofundada, tanto em termos de horizonte temporal, quanto com relação a outros indicadores de contribuição para atividade econômica.

Considerando a importância histórica do setor calçadista para a economia do Rio Grande do Sul, bem como os desafios enfrentados pelo segmento no passado recente, este estudo faz uma análise do desempenho do setor calçadista no Brasil e no Rio Grande do Sul nos últimos 20 anos. A evolução do setor é analisada a partir da dinâmica da produção, do faturamento, dos preços, do número de empresas e dos postos de trabalho. Destaca-se ainda o desempenho do setor no mercado externo, assim como seu posicionamento frente aos principais exportadores.



Um olhar mais recente sobre os benefícios fiscais concedidos ao setor coureiro-calçadista indica que, de um conjunto de mais de 850 empresas que atuam nestes segmentos no Rio Grande do Sul, um total de 297 empresas receberam mais de **R\$ 46 milhões em benefícios fiscais** via crédito presumido em 2018.

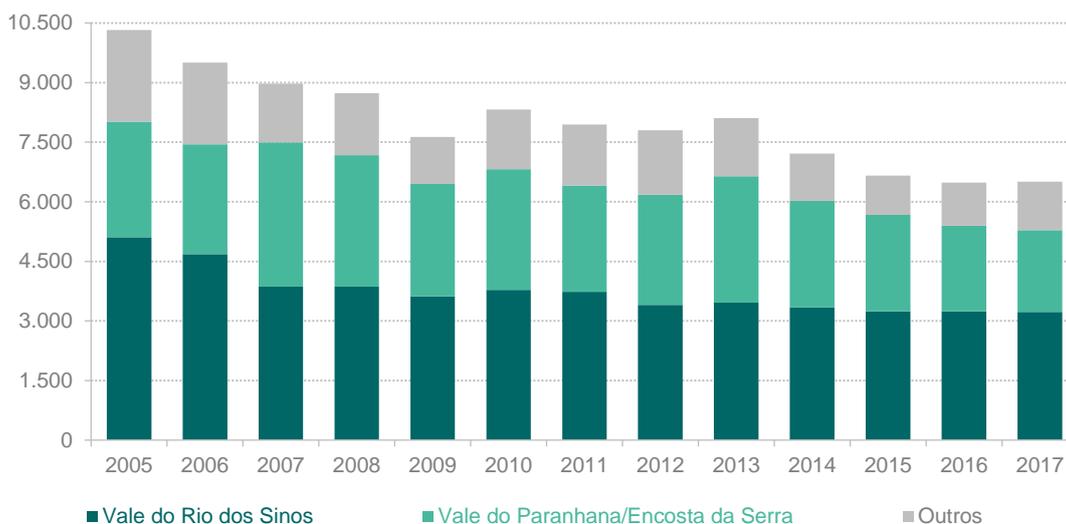
1.

Análise do
desempenho do
setor calçadista



Dos polos produtores de calçados no Rio Grande do Sul, o Polo do Vale do Rio dos Sinos permanece sendo o responsável por grande parte do faturamento do setor, conforme a Figura 1, abaixo. No entanto, observa-se que, entre 2005 e 2017, o faturamento real do setor de calçados, no Rio Grande do Sul, diminuiu cerca de 37%. Enquanto, em 2005, o faturamento do setor calçadista no Rio Grande do Sul foi de R\$ 10,3 bilhões (a preços constantes de 2017), em 2017, o faturamento do setor no Estado foi de R\$ 6,5 bilhões.

FIGURA 1 • Faturamento real do setor de calçados no RS, por Polo (em R\$ milhões, a preços de 2017)



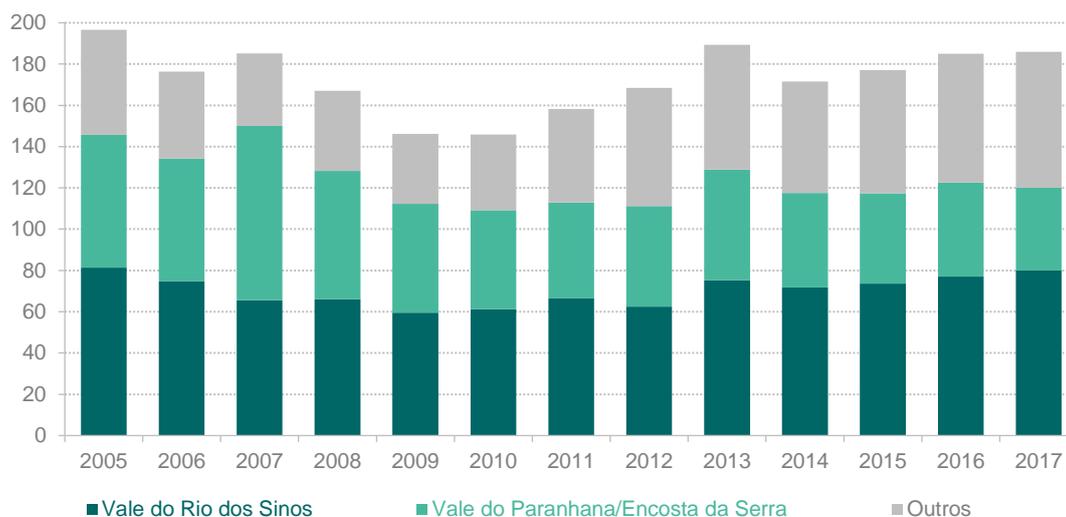
Fonte: IBGE (PIA-Produto 2017)

Ao se comparar a evolução do faturamento do setor com a produção, em pares de calçados, observa-se que existe uma tendência de redução do valor adicionado no processo produtivo dos calçados no Estado. Conforme a Figura 2, a produção de calçados (em pares), no Rio Grande do Sul, entre 2005 e 2017, diminuiu cerca de 5,4%, não apresentando, portanto, a mesma intensidade de redução daquela verificada no faturamento do setor. Durante este período, a produção sofreu uma queda mais acentuada nos anos de 2008 e 2009, devido à crise internacional, e, desde então, apresentou uma leve recuperação, mas sem ultrapassar o patamar registrado em 2005.



Entre 2005 e 2017, o faturamento real do setor de calçados, no Rio Grande do Sul, diminuiu cerca de **37%**.

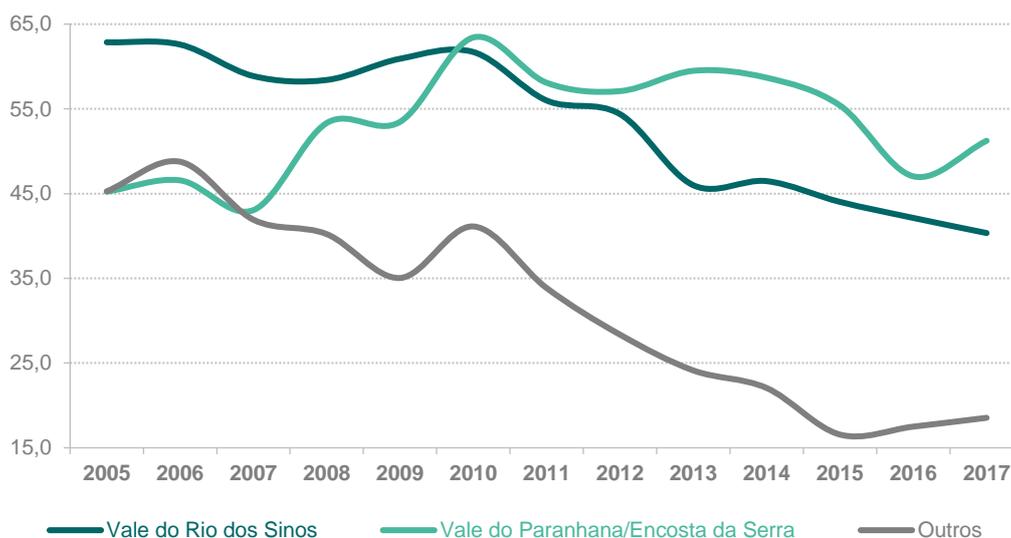
FIGURA 2 • Produção de calçados no Rio Grande do Sul, por Polo (em milhões de pares)



Fonte: IBGE (PIA-Produto 2017)

A evolução do preço médio do calçado fabricado do Rio Grande do Sul, entre 2005 e 2017, apresenta dinâmicas distintas segundo os polos produtores. Na região do Vale do Rio dos Sinos, onde concentra-se a maior parte da produção do calçado de couro, altamente especializada e intensiva em mão-de-obra, observa-se uma queda de mais de 35% no preço médio do calçado. Já no polo produtor localizado na região do Vale do Paranhana/Encosta da Serra, o preço médio do calçado registrou uma elevação de aproximadamente 13%.

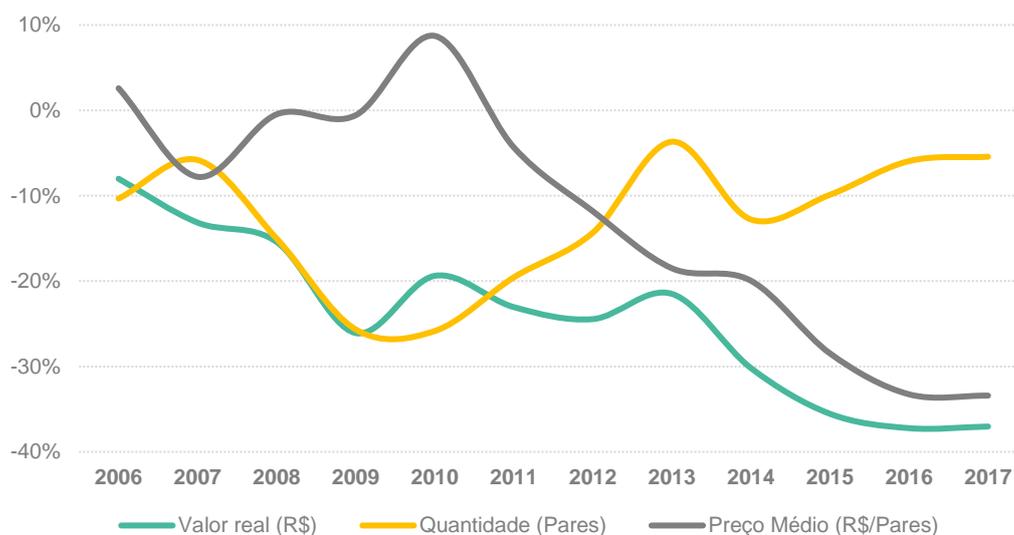
FIGURA 3 • Preço médio (R\$/par) do calçado produzido no Rio Grande do Sul, por Polo



Fonte: IBGE (PIA-Produto 2017)

A dinâmica da variação da produção de calçados e do preço médio, nos últimos anos, está sintetizada na Figura 4, abaixo. Verifica-se que a relativa recuperação da produção de calçados, em pares, observada desde 2009, apresenta um certo descompasso com a evolução do faturamento, resultante da queda no valor adicionado ao produto que está sendo vendido. Parte da queda do preço médio verificada a partir de 2010 pode estar relacionada ao aumento da produção de calçados sintéticos no Rio Grande do Sul neste período.

FIGURA 4 • Variação acumulada da produção e preço médio de calçados no RS



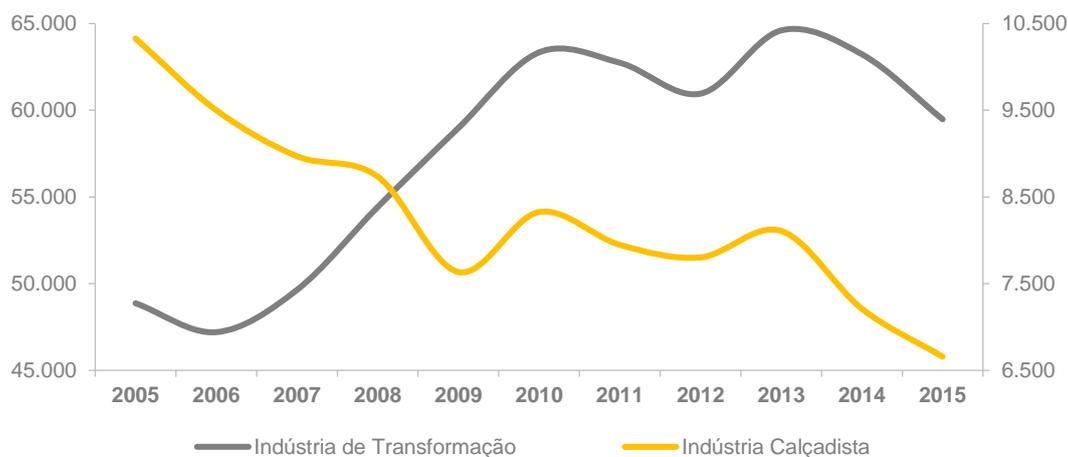
Fonte: IBGE (PIA-Produto 2017)

O cenário de retração observado no faturamento real do setor calçadista contrasta com a tendência de aumento do faturamento da indústria de transformação, entre 2005 e 2009, conforme a Figura 5. Nos anos seguintes, observa-se uma maior semelhança na evolução do faturamento nos dois setores. Ainda assim, quando considerado o período completo, de 2005 até 2015, a indústria de transformação acumulou um aumento de 21,7% no faturamento, enquanto a indústria de fabricação de calçados registrou uma queda de 35,5%.



©Daniela Barcellos / Palácio Piratini

FIGURA 5 • Faturamento real da indústria de transformação e da indústria de calçados no Rio Grande do Sul (em R\$ milhões)



Fonte: FEE Dados e IBGE (PIA-Produto 2017)

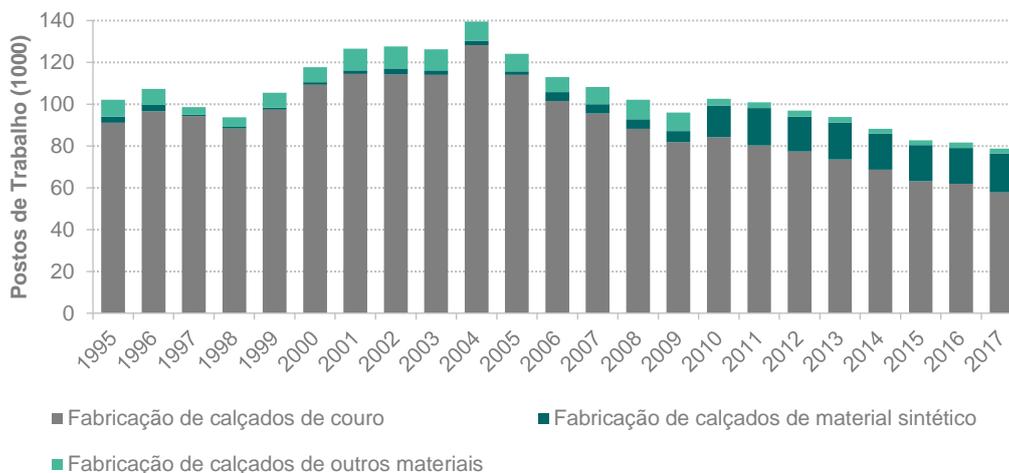
A trajetória de queda do faturamento do setor calçadista no Estado está em linha com o que se observa em relação à evolução do número de estabelecimentos e de postos de trabalho no setor, especialmente nos últimos anos. Até 2004/2005, observa-se uma tendência de expansão do setor, tanto em termos de número de estabelecimentos quanto em termos de posto de trabalhos. Desde então, o setor calçadista apresenta uma retração. Apesar do cenário adverso, convém destacar a expansão dos estabelecimentos e postos de trabalho dedicados à fabricação de calçados de material sintético. Dessa forma, investe-se na produção de calçados de menor valor agregado, substituindo a fabricação do calçado de couro pela fabricação do calçado de material sintético. Apesar do aumento da representatividade de estabelecimentos que possuem como atividade principal a fabricação de calçados de material sintético, convém mencionar que o Rio Grande do Sul se mantém como polo especializado na fabricação de calçados de couro, empregando a maior parte da mão-de-obra do setor e registrando o maior número de estabelecimentos da indústria.

FIGURA 6 • Número de estabelecimentos de fabricação de calçados, conforme a atividade principal, no Rio Grande do Sul



Fonte: MTE - Rais (2017)

FIGURA 7 • Número de postos de trabalho dedicados à fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por atividade principal



Fonte: MTE-Rais (2017)

A retração do setor calçadista, no Rio Grande do Sul, fica ainda mais evidente quando se compara a sua evolução com o desempenho da indústria de fabricação de calçados no Brasil. O Estado apresentou uma perda de representatividade no cenário nacional, tanto em termos de faturamento, quanto em termos de produção. A partir dos dados apresentados na Tabela 1, depreende-se que a participação do Estado no faturamento do setor diminuiu de 45% para 28%, entre 2005 e 2017, enquanto sua representatividade em termos de produção diminuiu de 26% para 20%, no mesmo período. Esses movimentos reforçam a indicação de que o setor calçadista no Rio Grande do Sul tem direcionado parte de seus esforços produtivos à fabricação de calçados de menor valor agregado, feitos a partir de materiais sintéticos e que se caracterizam por um processo produtivo que emprega a mão-de-obra de forma menos intensiva.

Conforme a Tabela 1, no Estado, o setor calçadista apresentou uma queda de 37% no faturamento real, entre 2005 e 2017, enquanto, no Brasil, o faturamento em termos reais manteve-se praticamente inalterado, com uma queda de 0,4%. Neste mesmo período, o setor registrou uma redução de 5,4% no número de pares de calçados fabricados no estado, diferentemente da produção nacional que aumentou 19,6%. Com relação ao número de empresas e ao emprego no setor de fabricação de calçados, observa-se uma importante retração na indústria tanto em nível nacional, quando no estado, entre 2005 e 2017. No entanto, os postos de trabalho e o número de empresas apresentaram uma queda maior no Rio Grande do Sul, -36,6% e -34,5%, respectivamente, do que as reduções verificadas em âmbito nacional. Comparado com os demais estados, o setor calçadista no Rio Grande do Sul apresentou uma importante retração entre os anos de 2005 e 2017, enquanto que, em termos de faturamento real e produção, os demais estados registraram incrementos de quase 30%. Em boa medida, a razão para tamanha diferença no desempenho do setor no Rio Grande do Sul e no resto do país encontra-se no tipo de calçado produzido. A produção gaúcha de calçados permanece especializada na fabricação de um tipo de calçado com maior valor agregado, enquanto o resto do país produz majoritariamente calçados de material sintético.

TABELA 1 • Indústria de fabricação de calçados no Brasil e no Rio Grande do Sul

Região	Brasil			Rio Grande do Sul			Demais Estados		
	Ano	2005	2017	Variação Acumulada (2005-2017)	2005	2017	Variação Acumulada (2005-2017)	2005	2017
Faturamento Real (R\$ bilhões)	22,7	22,6	-0,4%	10,3	6,5	-37,0%	12,4	16,1	29,8%
Produção (milhões pares)	757,0	905,4	19,6%	196,6	185,9	-5,4%	560,4	719,5	28,4%
Emprego (milhares)	290,5	239,1	-17,7%	124,1	78,7	-36,6%	166,4	160,4	-3,6%
Empresas (milhares)	7,7	5,7	-26,0%	2,9	1,9	-34,5%	4,8	3,8	-20,8%

Fonte: IBGE (PIA-Produto 2017) e MTE - Rais (2017)

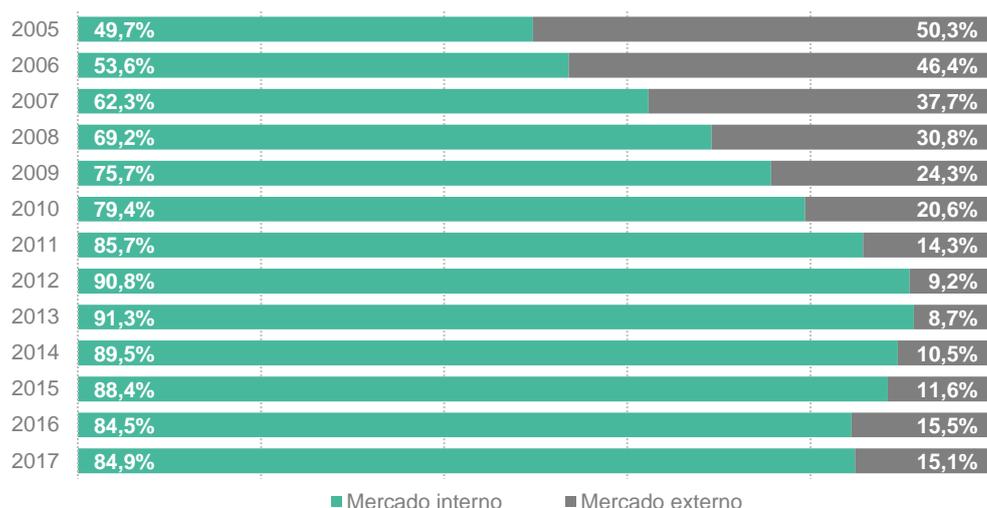
De maneira geral, os dados apresentados nesta seção mostram que o setor de calçados, no Rio Grande do Sul, segue com grande parte da sua produção destinada à fabricação de calçados de couro, muito embora a produção de calçados sintéticos tenha aumentado consideravelmente depois de 2010. Essa especialização na produção de um tipo de calçado com maior valor agregado e que emprega mão-de-obra de forma mais intensiva traz importantes desafios ao setor no estado, particularmente em relação aos ganhos de produtividade que se fazem necessários frente ao acirramento da competição. Convém destacar que os produtos asiáticos concorrem não somente com os fabricantes de calçados feitos com material sintético, mas também concorrem na produção de calçados de maior valor agregado, como calçados de couro.

1.2 Desempenho do setor calçadista no mercado externo

A retração do setor calçadista no Rio Grande do Sul observada nas duas últimas décadas deve-se, em grande medida, pela perda de competitividade no mercado externo e a consequente redução significativa das exportações, decorrente da perda de seu principal mercado, os Estados Unidos. Os dados apresentados nessa seção indicam que os calçados produzidos no Brasil perderam espaço no mercado internacional, mas, especialmente, as exportações de calçados fabricados no Rio Grande do Sul diminuíram sua representatividade de forma mais proeminente.

Tradicionalmente, a maior parte da produção do setor calçadista do Rio Grande do Sul era destinada para atender o mercado externo. Esta foi a realidade do setor no Estado até 2006. Desde então, com o aquecimento do mercado interno e a crise internacional de 2008, a produção de calçados do Rio Grande do Sul vem sendo direcionada, em grande parte, para o mercado interno. Em 2013, o mercado interno chegou a absorver 91,3% da produção de calçados no Estado. Depois disso, porém, o setor calçadista do Rio Grande do Sul voltou a expandir suas vendas no mercado externo e, em 2017, as exportações foram o destino de cerca de 15% da produção de calçado no Estado.

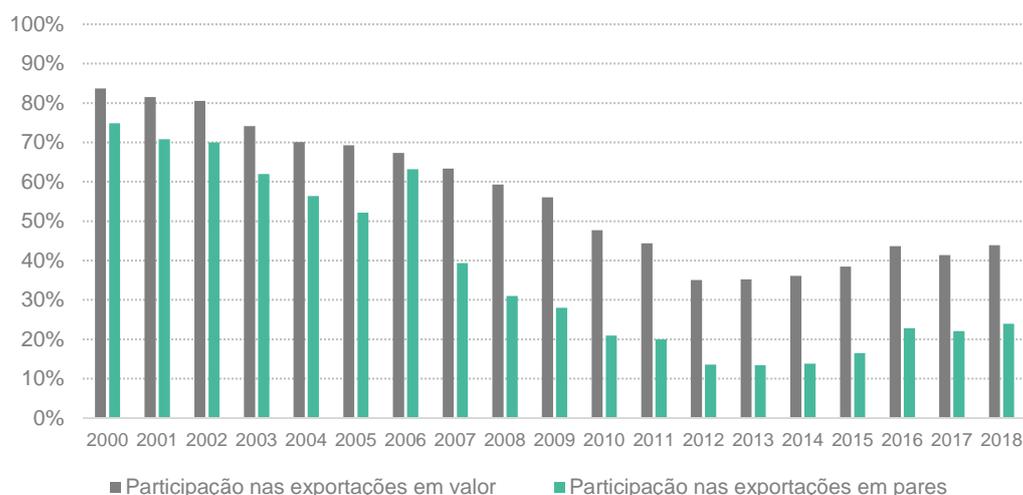
FIGURA 8 • Destino da produção de calçados no Rio Grande do Sul (em pares)



Fonte: SECEX/IBGE

De acordo com a Figura 9, no início dos anos 2000, as exportações do Rio Grande do Sul representavam cerca de 80% das exportações brasileiras, em valor, e mais de 70% das exportações em pares de calçados. Em 2018, tais participações caíram para 44% e 24%, respectivamente, ainda que os últimos cinco anos apresentem uma relativa retomada da importância relativa do Rio Grande do Sul nas exportações brasileiras. Como será possível se observar na sequência, essa retração registrada nas exportações gaúchas foi decorrente da expressiva diminuição da demanda dos Estados Unidos, que passaram a comprar produtos asiáticos, inclusive calçados de maior valor agregado. Ademais, a tímida retomada observada nas exportações do Rio Grande do Sul, a partir de 2013, deve-se, em grande medida, a maior inserção no mercado externo dos calçados fabricados com materiais sintéticos.

FIGURA 9 • Participação do Rio Grande do Sul nas exportações brasileiras de calçados



Fonte: Comex Stat

As Tabelas 2 e 3, abaixo, apresentam as exportações de calçados do Brasil e do Rio Grande do Sul, segmentadas de acordo com os principais países de destino. A redução da inserção internacional dos calçados brasileiros, desde 2000, fica evidente nas duas tabelas a seguir. Ademais, o reflexo dessa redução para o Rio Grande do Sul foi ainda maior. Se considerado o volume exportado de calçados entre 2000 e 2018, o Rio Grande do Sul apresentou uma queda de quase 8% ao ano nas suas exportações, enquanto o volume exportado pelo Brasil caiu menos de 2% ao ano.

Como se pode observar nas Tabelas 2 e 3, os Estados Unidos, historicamente, sempre foram o principal demandante dos calçados brasileiros. No entanto, desde o início dos anos 2000, o país vem reduzindo significativamente suas importações de calçados do Brasil, especialmente depois da crise internacional de 2008. Nesse cenário, o Rio Grande do Sul sofreu um impacto maior relativamente ao que se observou com contexto nacional. As exportações gaúchas para os Estados Unidos diminuíram, em média, quase 14% em valor, por ano, entre 2000 e 2018, e cerca de 18%, em volume. Além disso, as exportações para os Estados Unidos de calçados produzidos no Rio Grande do Sul perderam, de forma significativa, sua representatividade em relação ao total de calçados exportado pelo Brasil para aquele país. Com a redução expressiva da demanda americana por calçados brasileiros, os produtos nacionais (e gaúchos) precisaram redirecionar seus esforços de vendas no mercado externo em busca de novos parceiros comerciais. A Argentina passou a ser o maior demandante dos calçados produzidos no Rio Grande do Sul, considerando-se o volume exportado, enquanto os Estados Unidos ainda figuram como principal comprador, considerando-se o valor exportado.

TABELA 2 • Desempenho das exportações de calçados, em valor, segundo os principais destinos

Exportações do Brasil (em US\$ milhões)							
Ranking 2018	País	2000	2005	2010	2015	2018	CMA* (%) 2000-2018
1º	Estados Unidos	1.085,2	965,6	348,1	197,9	176,5	-9,60
2º	Argentina	123,4	112,8	167,3	67,5	139,4	0,68
3º	França	9,1	22,8	63,6	58,6	61,6	11,21
4º	Paraguai	21,1	18,3	46,1	45,3	53,7	5,33
5º	Bolívia	17,5	19,1	40,6	49,6	43,4	5,15
	Outros	287,9	749,4	82,2	541,5	501,5	3,13
	Total	1.544,2	1.888,1	1.487,0	960,4	976,1	-2,52
Exportações do Rio Grande do Sul (em US\$ milhões)							
Ranking 2018	País	2000	2005	2010	2015	2018	CMA* (%) 2000-2018
1º	Estados Unidos	930,2	725,0	177,5	77,6	66,0	-13,67
2º	Argentina	91,7	41,6	43,4	24,5	52,5	-3,05
3º	França	6,5	11,6	50,9	33,7	40,2	10,64
4º	Chile	15,8	20,6	14,0	20,7	27,0	3,02
5º	Bolívia	9,3	8,0	14,1	17,2	21,3	4,70
	Outros	238,8	500,6	409,3	195,9	221,2	-0,42
	Total	1.292,3	1.307,4	709,1	369,6	428,3	-5,95

*CMA: crescimento médio anual.

Fonte: United Nations Comtrade (Brasil) e Comex Stat (Rio Grande do Sul).

TABELA 3 • Desempenho das exportações de calçados, em pares, segundo os principais destinos

Ranking 2018	País	2000	2005	2010	2015	2018	CMA* (%) 2000-2018
Exportações do Brasil (em milhões de pares)							
1º	Paraguai	8,2	7,9	14,3	13,3	13,6	2,84
2º	Argentina	18,9	14,2	14,1	8,0	11,8	-2,60
3º	Estados Unidos	99,8	77,2	29,5	12,1	11,5	-11,31
4º	França	0,8	2,4	2,9	8,9	7,8	13,22
5º	Colômbia	0,9	2,8	3,5	8,0	7,5	12,39
	Outros	33,4	85,0	78,7	73,7	61,2	3,43
	Total	162,1	189,4	143,0	124,1	113,5	-1,96
Exportações do Rio Grande do Sul (em milhões de pares)							
1º	Argentina	11,9	4,6	2,9	1,7	3,7	-6,33
2º	Estados Unidos	84,2	52,1	6,9	2,6	2,5	-17,78
3º	Bolívia	1,2	0,9	1,0	1,4	2,1	3,15
4º	Paraguai	1,1	0,9	0,6	1,1	2,0	3,23
5º	França	0,6	0,9	1,9	1,4	1,7	6,37
	Outros	22,3	39,4	16,6	12,2	15,3	-2,08
	Total	121,3	98,7	29,9	20,5	27,2	-7,97

*CMA: crescimento médio anual.

Fonte: United Nations Comtrade (Brasil) e Comex Stat (Rio Grande do Sul).

Em grande medida, a perda de participação no mercado externo das exportações gaúchas e brasileiras de calçados pode ser explicada pelo significativo aumento da participação de países asiáticos, especialmente, China e Vietnã, nas exportações mundiais de calçados. Entre 2000 e 2018, as exportações chinesas de calçados cresceram 9% ao ano, enquanto as exportações de calçados fabricados no Vietnã aumentaram cerca de 14% por ano. Em conjunto, esses países responderam, em 2018, por quase metade das exportações mundiais de calçados. Nesse contexto, Brasil e Rio Grande do Sul perderam representatividade no cenário mundial, registrando quedas sucessivas nas exportações de calçados (em valor).

TABELA 4 • Exportadores mundiais de calçados, em milhões de US\$

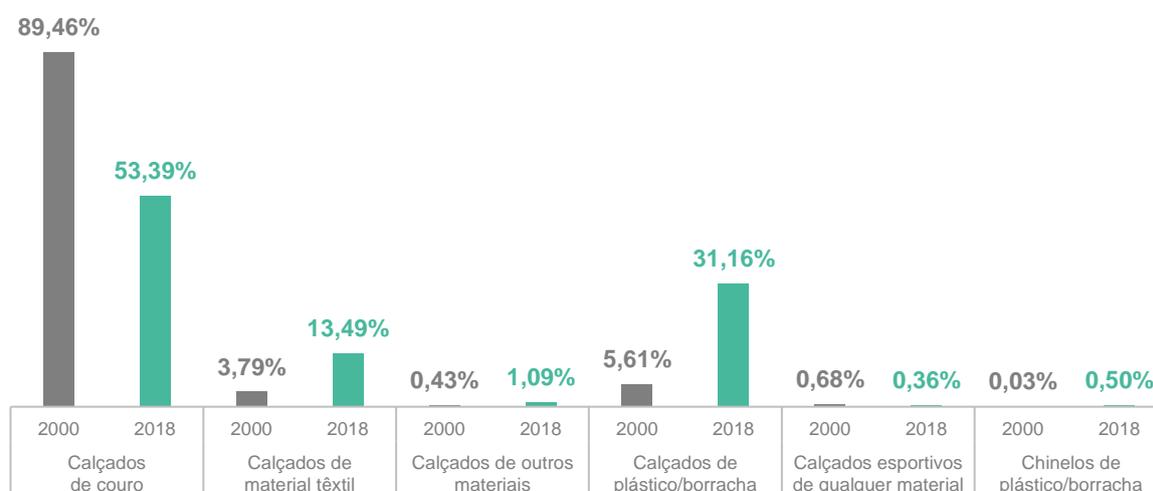
Ranking 2018	País	2000	2005	2010	2015	2018	CMA* (%) 2000-2018
1º	China	9.444	18.410	33.665	51.096	44.661	9,02
2º	Vietnã	1.454	3.038	5.123	12.013	16.165	14,32
3º	Itália	6.162	7.606	8.762	9.597	11.405	3,48
4º	Alemanha	1.117	2.313	3.700	4.867	8.266	11,76
5º	Indonésia	1.605	1.348	2.429	4.386	4.987	6,50
16º	Brasil	1.544	1.888	1.487	960	976	-2,52
30º	Rio Grande do Sul	1.292	1.307	709	370	428	-5,95
	Outros	19.814	25.418	33.831	42.206	46.689	4,88
	Total	41.140	60.021	88.997	125.124	133.149	6,74

*CMA: crescimento médio anual.

Fonte: United Nations Comtrade (Brasil) e Comex Stat (Rio Grande do Sul)

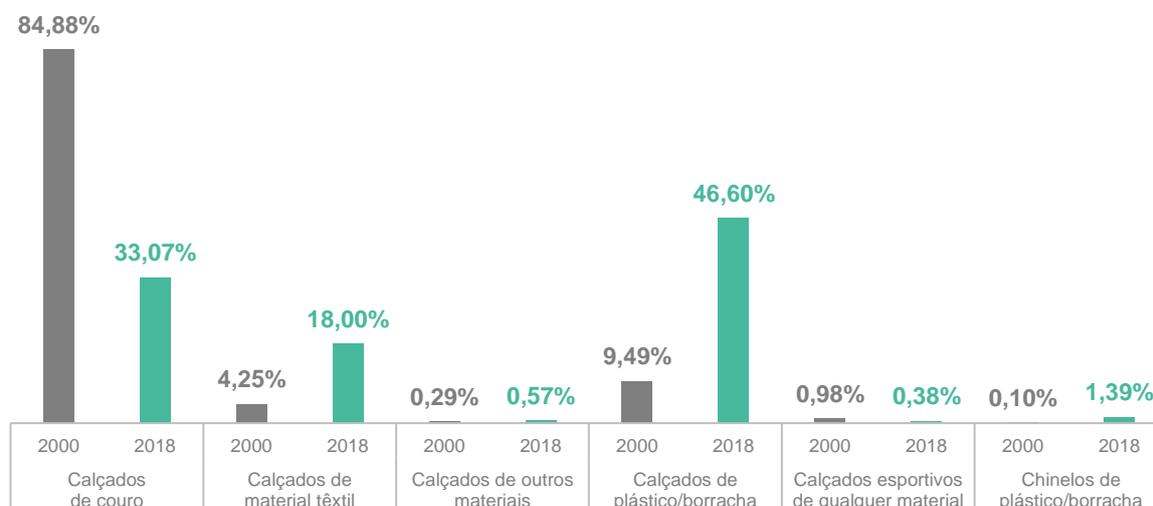
Além da queda das exportações de calçados do Brasil e do Rio Grande do Sul, observa-se também uma mudança na composição da pauta exportadora, segundo o tipo de calçado, nos últimos 20 anos. Ao decompor as exportações gaúchas de calçados, conforme indicado nas Figuras 10 e 11, observa-se a mudança no perfil do setor no estado, na medida em que os calçados de couro perdem representatividade nas exportações para os calçados de plástico e borracha e de material têxtil. Em 2018, quase 46% das exportações gaúchas (em valor) já eram de calçados de plástico e borracha, de material têxtil ou de outros materiais. Em número de pares, as exportações de tais tipos de calçados superaram os 65% do total exportado pelo Rio Grande do Sul.

FIGURA 10 • Composição das exportações (em valor) do RS, conforme o tipo de calçado



Fonte: Comex Stat

FIGURA 11 • Composição das exportações (em pares) do RS, conforme o tipo de calçado



Fonte: Comex Stat

Por fim, diante do contexto de reconfiguração produtiva do setor calçadista no Rio Grande do Sul, propõe-se neste estudo uma análise complementar do desempenho das exportações de calçados do Rio Grande do Sul, por meio da aplicação do modelo *Constant Market Share* (CMS). Tal modelo permite a decomposição da taxa de variação das exportações de um país (ou região) em quatro efeitos: (i) efeito do crescimento do comércio mundial; (ii) efeito de composição da pauta exportadora; (iii) efeito destino das exportações; e (iv) efeito competitividade. O modelo aqui apresentado foi proposto por Leamer e Stern (1970) e busca identificar em que medida o desempenho exportador de um país ou região pode ser relacionado com a sua competitividade. O CMS parte da hipótese de que a participação de mercado (*market share*) de um país nas exportações mundiais deve permanecer constante ao longo do tempo. Sendo assim, o modelo permite avaliar em que medida (e em função de quais efeitos) houve diferença entre o crescimento esperado das exportações, se a participação de mercado tivesse se mantido constante, e o crescimento observado das exportações do país.

Seguindo o modelo proposto por Leamer e Stern (1970), a variação observada das exportações do Rio Grande do Sul entre dois períodos pode ser decomposta na seguinte identidade:

$$X'' - X' \equiv rX' + \sum_i (r_i - r)X'_i + \sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i)X'_{ij} + \sum_i \sum_j (X''_{ij} - X'_{ij} - r_{ij}X'_{ij}) \quad (1)$$

(i) (ii) (iii) (iv)

Onde:

X'' são as exportações totais, em valor, do Estado no período 2

X' são as exportações totais, em valor, do Estado no período 1

X'_i são as exportações, em valor, do Estado do bem i no período 1

X'_{ij} são as exportações, em valor, do Estado para o país j do bem i no período 1

X''_{ij} são as exportações, em valor, do Estado para o país j do bem i no período 2

r é o crescimento percentual das exportações mundiais entre os períodos 1 e 2

r_i é o crescimento percentual das exportações mundiais do bem i entre os períodos 1 e 2

r_{ij} é o crescimento percentual das exportações mundiais do bem i para o país j entre os períodos 1 e 2

Na equação (1) acima, indica-se qual efeito é capturado em cada um dos termos da identidade proposta pelo modelo CMS. Convém destacar que os efeitos (i) e (ii), crescimento do comércio mundial e composição da pauta exportadora, são efeitos atrelados ao cenário externo, que podem ser afetados por alterações no padrão de consumo ou na dinâmica da procura internacional por determinado bem, segundo Carvalho (2004). Para este autor, os efeitos (iii) e (iv), por sua vez, estariam vinculados a questões internas que afetam o posicionamento e a competitividade do país no mercado mundial.

Dessa forma, a partir da equação (1), decompõem-se a variação das exportações de calçados do Rio Grande do Sul, em valor (US\$), no período de 2001 até 2018, nos quatro efeitos previstos pelo modelo CMS. A Tabela 5 apresenta esses resultados ano a ano e para o acumulado no período. Os resultados indicam que a retração observada nas exportações de calçados do Rio Grande do Sul não acompanhou o movimento do comércio mundial destes produtos, uma vez que foi observado um crescimento significativo do comércio mundial no período analisado. Na decomposição da variação das exportações, observa-se a sucessiva e expressiva perda de competitividade das exportações do setor calçadista do Rio Grande do

Sul. Além do efeito negativo da competitividade, os efeitos da composição da pauta exportadora e da distribuição dos mercados de destino também foram negativos no acumulado do período. O efeito da composição da pauta ser negativo indica que as exportações de calçados do Rio Grande do Sul se concentraram em tipos de calçados que apresentaram uma taxa de crescimento inferior à média mundial. Já o efeito da distribuição dos mercados destino ter sido negativo indica que as exportações de calçados se concentraram em países em que o crescimento das importações foi inferior à taxa mundial.

TABELA 5 • Decomposição da variação das exportações de calçados do Rio Grande do Sul, em milhões de US\$

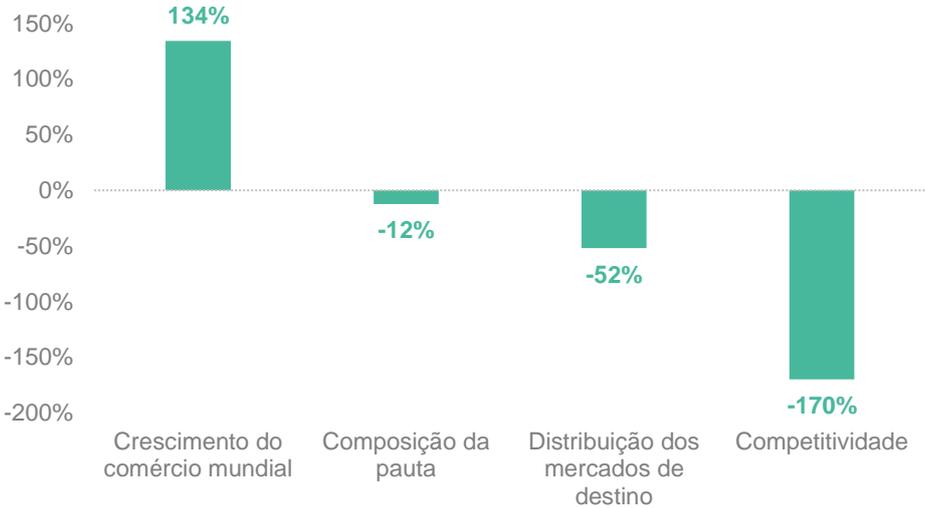
Ano	Variação das exportações	Decomposição da variação das exportações			
		Crescimento do comércio mundial	Composição da pauta	Distribuição dos mercados de destino	Competitividade
2001	23,99	24,19	-0,14	-39,23	39,16
2002	-150,98	44,45	26,98	-146,82	-75,59
2003	-16,74	123,60	-19,09	-69,98	-51,27
2004	125,87	123,37	1,51	-16,11	17,10
2005	34,48	131,15	7,09	-78,96	-24,79
2006	-53,82	147,83	-9,20	14,04	-206,49
2007	-39,08	170,56	8,11	-60,98	-156,78
2008	-96,09	137,97	-39,10	-24,10	-170,86
2009	-352,99	-128,39	1,12	-11,40	-214,32
2010	-53,21	133,63	-16,47	16,06	-186,44
2011	-134,52	132,22	-10,51	2,04	-258,27
2012	-191,01	21,40	-28,59	-11,04	-172,78
2013	1,97	37,56	9,33	-3,76	-41,15
2014	0,12	36,30	-8,27	-14,59	-13,33
2015	-16,18	-21,10	-10,73	3,09	12,57
2016	65,95	-11,52	-8,85	4,29	82,03
2017	16,00	29,16	-5,49	-2,55	-5,12
2018	-23,67	21,14	-3,80	-6,31	-34,71
Acumulado 2001-2018	-859,90	1.153,52	-106,07	-446,30	-1.461,05

Elaborado pelos autores. Fonte: Comex Stat.

Na decomposição da variação das exportações, observa-se a sucessiva e **expressiva perda de competitividade** das exportações do setor calçadista do Rio Grande do Sul.

A Figura 12 abaixo apresenta a participação de cada uma das causas da variação das exportações de calçados do Rio Grande do Sul no acumulado do período entre 2001 e 2018. Somente o comércio mundial apresentou crescimento no período. Tal crescimento atenuou, em parte, a expressiva perda em termos de competitividade das exportações gaúchas.

FIGURA 12 • Decomposição da variação das exportações de calçados do Rio Grande do Sul, entre 2001 e 2018



Elaborado pelos autores. Fonte: Comex Stat

Conforme a Figura 12, o efeito de composição da pauta foi negativo, indicando que as exportações gaúchas se concentraram em tipo de calçados cujas importações cresceram menos do que a média mundial.



©Jaclyn Moy / Unsplash

Para compreender de forma mais detalhada este efeito, a Tabela 6 propõe um exercício de decomposição do efeito da pauta exportadora, segundo o tipo de calçado exportado. Observa-se que houve um efeito negativo expressivo das exportações de calçados de couro, no acumulado do período. Tal resultado indica que as exportações de calçados de couro do Rio Grande do Sul cresceram a uma taxa muito inferior a taxa de crescimento das exportações mundiais de calçados. Por outro lado, verifica-se efeitos positivos significativos nas exportações de calçados de material têxtil e de calçados de plástico e borracha, indicando que as exportações destes produtos cresceram a uma taxa superior do que as exportações mundiais de calçados.

TABELA 6 • Efeito de composição da pauta exportadora, por tipo de calçado, em milhões de US\$

Ano	Efeito de composição da pauta exportadora					
	Calçados de couro	Calçados de material têxtil	Calçados de outros materiais	Calçados de plástico/borracha	Calçados esportivos de qualquer material	Chinelos de plástico/borracha
2001	5,74	-3,55	-0,52	-1,95	0,11	0,04
2002	31,09	-2,69	1,31	-2,61	-0,12	0,00
2003	-20,47	0,36	1,11	0,18	-0,36	0,10
2004	-4,84	3,35	-0,31	1,85	1,32	0,15
2005	2,87	4,19	0,08	0,90	-1,01	0,06
2006	-16,52	-0,62	-0,36	8,33	-0,20	0,17
2007	9,51	-1,77	-0,21	2,01	-1,61	0,18
2008	-47,05	-0,26	1,18	7,71	-0,69	0,00
2009	-18,96	8,49	-0,00	13,32	-1,78	0,05
2010	-28,38	6,36	-0,35	5,92	-0,12	0,11
2011	-17,63	5,30	-0,14	2,10	-0,08	-0,07
2012	-31,05	1,89	3,95	-3,53	0,04	0,12
2013	3,04	1,38	-1,17	6,16	-0,04	-0,05
2014	-14,64	2,11	-0,88	5,10	-0,01	0,06
2015	-14,76	5,51	-0,46	-1,06	0,03	0,01
2016	-9,22	3,01	0,01	-2,59	0,05	-0,10
2017	-6,83	5,78	-0,04	-4,35	0,03	-0,08
2018	1,17	4,21	-0,31	-8,74	0,03	-0,15
Acumulado 2001-2018	-176,94	43,04	2,87	28,75	-4,41	0,60

Elaborado pelos autores. Fonte: Comex Stat

Em suma, os resultados do modelo CMS indicam que a necessidade do setor calçadista direcionar esforços em busca de ganhos de competitividade, assim como aspectos relacionados à composição da sua pauta exportadora e o conjunto de países definidos como mercado-alvo para suas exportações.

Conclusão



Conclusão

O presente estudo analisou o desempenho do setor calçadista do Rio Grande Sul no período entre 1995 e 2018. De maneira geral, observa-se que a produção de calçados no Estado vem enfrentando um cenário adverso há quase 20 anos. No contexto nacional, a transferência de empresas do setor para a região Nordeste e o caráter especializado de grande parte da produção de calçados no Rio Grande do Sul configuram desafios importantes ao setor na busca pela manutenção da sua competitividade. No cenário externo, em grande medida, a retração do setor teve início com a diminuição da demanda internacional por calçados de couro e com a redução significativa das importações de calçados dos Estados Unidos, que era o principal mercado para a produção gaúcha de calçados.

A queda da demanda por calçados de couro pode ser explicada, em parte, por uma mudança no padrão de consumo, em que calçados fabricados a partir de outros materiais ganharam espaço no mercado. Nesse contexto, países como China e Vietnã obtiveram um destaque expressivo no mercado internacional, passando a figurar entre os principais produtores e exportadores de calçados no mundo, tendo êxito também na fabricação de calçados de couro. Com isso, países como Estados Unidos passaram a ser abastecidos pela produção de calçados dos países asiáticos, implicando a necessidade de uma reorientação da produção de calçados gaúcha e brasileira, não somente em termos de países de destinos, mas, principalmente, em termos de orientação da produção para outros tipos de calçados, além do calçado de couro.

Diante desse contexto, a produção de calçados no Rio Grande do Sul vem passando por uma reorientação, com um aumento da produção, do número de empresas e dos postos de trabalhos dedicados à fabricação de calçados de materiais sintéticos. Cabe destacar que essa mudança no perfil da produção é relativamente recente e o setor calçadista gaúcho ainda segue especializado na fabricação de calçados de couro. Esse processo de alteração no perfil da produção pode contribuir para um maior dinamismo no setor, muito embora ainda existam importantes desafios (no cenário nacional e internacional) que se colocam a para retomada da competitividade do setor.

Referências bibliográficas



Referências

CARVALHO, F. M. A. de. Método Constant Market Share (CMS). In: SANTOS, M. L. S.; VIEIRA, W. C. **Métodos quantitativos em economia**. Viçosa: UFV, 2004.

COSTA, Achyles B. da; FLIGENSPAN, Flávio B. **O deslocamento de empresas de calçados para o nordeste brasileiro**. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

LEAMER, E.; STERN, R. Models of comparative export performance. **Yale Economic Essays**, v. 7, p. 103-45, 1970.

SANTANA, Synthia K. S. de. **O impacto da reconfiguração internacional do mercado calçadista sobre o segmento brasileiro de couro e calçados**. Texto para discussão n. 2114. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea, 2015

IGOV **RS**
NOVAS FAÇANHAS
NA FAZENDA

fazenda.rs.gov.br

PARCEIRO:

 **UNISINOS**
DESAFIE O AMANHÃ.